

Um silêncio carregado de significado
Entrevista com Daniel Keene

Uma das personagens desta peça conta uma história acerca de um comediante que estava deprimido por não saber o que é que fazia com que as pessoas rissem dele. Sabe, ou pensa que algum dia virá a saber, o que faz as pessoas rirem ou chorarem no teatro?

Penso que o teatro é um lugar aonde as pessoas vão para desfrutar de uma experiência emocional; elas querem sentir algo, experimentar algo que as comova, que provoque o riso ou as lágrimas. Querem passar por uma experiência que seja mais forte, mais intensa, do que a sua vida trivial. Trata-se de uma questão de concentração, de um certo tipo de atenção que se presta às situações, às experiências que poderão, de outra maneira, perder-se no tumulto habitual, no caos, da vida quotidiana. Elas poderão também ter uma experiência intelectual; poderá esclarecer-se uma ideia, expor-se um facto, explicar-se um aspecto da História, mas julgo que este é um aspecto secundário. Ou talvez devêssemos dizer, devêssemos procurar compreender, que as emoções e o intelecto não se excluem mutuamente: o melhor tipo de teatro é aquele que relaciona ambos, o intelecto e as emoções. Quando o intelecto e as emoções se encontram num mesmo ponto (quando colidem) somos capazes de reconhecer um momento que é autêntico, um momento que une aquilo que pensamos e o que sentimos. O teatro é criado deste modo; é criado pela combinação de intuição e experiência. As pessoas que criam o teatro servem-se de técnicas que aprenderam, mas também exploram o desconhecido: arriscam, apostam, têm de confiar nos seus instintos. As pessoas que criam o teatro são pessoas comprometidas com um mistério: o que significa escrever uma peça? O que significa representar uma peça ou encená-la? Uma peça é algo que é feito para o prazer do seu público. É oferecido aos seus espectadores como uma dádiva. Se esta oferenda for aceite, o espectáculo converte-se numa ocasião em que aqueles que estão em cena e os espectadores que os observam partilham um momento único; não há modo de prever o que será este momento. É ridículo pedir ao público para acreditar na ficção encenada no palco; mas o público acredita. É ridículo pedir aos actores que satisfaçam os desejos do público; e, todavia, eles fazem-no frequentemente. Como é que isto acontece? Acontece por consentimento mútuo. Mas consentimento em relação a quê? Ainda estou a tentar responder a esta pergunta.

Kevin, o protagonista, é um pedreiro. Encontra algum paralelismo entre o trabalho de um pedreiro e o trabalho de um escritor?

Para mim, a “pedra” é silêncio. É do silêncio que eu parto. Tento criar algo a partir deste silêncio; ou, melhor, quero ver o que emerge dele. Se é verdade que a forma que o pedreiro quer criar está oculta no bloco de pedra que ele trabalha, que o pedreiro tem de extrair da pedra tudo o que é supérfluo até chegar à forma que ele procura, então, sim, o meu trabalho é semelhante. Quero remover do silêncio tudo o que é vazio, tudo o que é insignificante; quero encontrar um silêncio que esteja carregado de significado, que ressoe: este silêncio encontra-se entre as palavras ditas pelas personagens que invento. As suas palavras brotam do silêncio que as rodeia. Eu quero que estas palavras sejam as únicas palavras que elas consigam dizer. Nada pode ser supérfluo. Trabalho as suas palavras, da mesma maneira que um pedreiro trabalha pedra.

Em *Pedra, Papel e Tesoura* existe uma referência a uma pessoa que tem parentes em Inglaterra, mas que nunca os viu. Como é que os australianos olham para a

Europa? Ainda persiste neles um sentimento de pertença às suas origens europeias?

Este sentimento de pertença às origens europeias foi muito vincado em gerações anteriores; hoje em dia, isso é menos verdade. Devemos lembrar que há menos de cinquenta anos atrás, a Austrália era “Apenas Para Brancos”. Esta política a favor de uma “Austrália Branca” foi uma negação perversa da existência da população indígena do país; foi motivada por um profundo receio dos estrangeiros, um receio incapacitante perante estranhos; foi uma tentativa de criar uma réplica das origens europeias, nessa altura ainda familiares à população. Esta tentativa foi ela própria motivada pelo medo; um medo do próprio país. A Austrália parecia misteriosa e inóspita; resistiu à colonização branca da Europa. À medida que a população da Austrália aumentou e se tornou mais multicultural, foi ficando menos dependente das memórias das suas origens europeias e foi construindo a sua auto-imagem. Enquanto que, antes, a Europa era um lugar ao qual os australianos se apegavam, por medo e desespero, hoje em dia é um lugar que os australianos simplesmente reconhecem como a origem da nossa cultura e do nosso modo de vida. A Austrália já não é uma réplica frustrada da Europa, mas sim um produto único do povo e da influência desta.

A solidão e a falta de comunicação das personagens desta peça parecem terminar apenas quando estas se encontram em frente a um balcão pejado de copos vazios. Que reflexão lhe suscita este triângulo de palavras: solidão, álcool, incomunicabilidade?

As personagens da peça consomem álcool para fugirem de si próprias. Este é um dos terríveis dilemas da solidão: como é que uma pessoa lida com o seu *eu* interior. Este *eu* é oprimido pelo isolamento, atormentado pelo remorso, lacerado pela falta de contacto humano: como é que uma pessoa consegue conviver, diariamente, com semelhante *eu*. Quando a dor da solidão olha para ti fixamente do outro lado do espelho, quando é expressa em cada gesto que fazes, em cada palavra que pronuncias, quando és apanhado neste ciclo tortuoso, a única saída possível é obliterares-te, alterares a tua consciência, esqueceres-te de ti próprio. O álcool pode fazer isso por ti. E, assim que o tenha feito, não há qualquer coisa a comunicar; há apenas existência, bruta e silenciosa. Assim que a dor provocada pela solidão tenha sido suavizada desta maneira, é como se a pessoa que está só deixasse de existir: a dor era o que definia a existência de Kevin; sem dor, ele é pouco mais do que uma sombra. Como é que se fala com uma sombra?

A cena 13, entre Kevin e a sua filha, faz uma alusão à falta de significado das palavras em si mesmas: um tema que é tratado pelo Teatro do Absurdo. Sabemos que Beckett é um dos seus autores favoritos. Gostaria de tecer um comentário acerca deste tema?

Muitas vezes, parece-me que traduzir uma experiência em palavras é reduzir essa experiência; ou, na verdade, aprisioná-la dentro das limitações das palavras. Na melhor das hipóteses, as palavras podem sugerir a realidade de uma experiência, mas nunca conseguirão contê-la; elas são, digamos, a sombra da experiência. Talvez pudéssemos chamar-lhes resíduos da experiência: elas são tudo aquilo que sobra, elas são as cinzas que nós varremos, à procura da energia do fogo que as criou.

“As personagens desta peça não falam muito: o que é realmente importante nos seus discursos é o que elas não dizem”. Em que medida considera esta afirmação verdadeira?

Acho que acima já me referi a este tema. Tudo o que poderei acrescentar é que as personagens desta peça não são pessoas articuladas: as palavras que dizem são as únicas que elas conseguem arrancar à sua reserva limitada de palavras. Em certa medida, estas personagens estão resignadamente conscientes de que são incapazes de expressar convenientemente o que pretendem ou explicar exactamente o que querem dizer. Quando se calam, deixam algo por dizer; este não-dito ressoa no silêncio que elas são forçadas a suportar. Este silêncio entre as palavras é o que articula a sua dor.

Qual é o papel da religião para estas personagens? Qual é a importância da religião na Austrália, quando comparada com, por exemplo, a França, um país que conhece bem?

Apenas posso falar do papel da religião para as personagens desta peça, embora eu veja a Austrália como uma sociedade decididamente laica, onde a divisão clara entre a Igreja e o Estado é mantida e defendida. Há, claro, uma preocupação comum e crescente, na Austrália bem como noutros locais, relativamente ao aumento do fundamentalismo, tanto Islâmico como Cristão, mas o problema inevitável que a Austrália laica atravessa é a complacência moral das suas classes governantes. Parece-me que esta complacência está muito próxima da falência moral; aquilo que poderá ser propriamente definido como assuntos éticos (como o envolvimento da Austrália no Iraque, o tratamento de refugiados, o direito dos trabalhadores à greve, a condição económica e social de várias comunidades indígenas, o direito à livre expressão de opiniões divergentes, etc.) é tratado com pouco mais do que desprezo. A actual falta de posicionamento ético perante tais assuntos faz-nos pensar que o fundamentalismo económico poderá ser considerado a única religião para o Governo conservador da Austrália.

Para as personagens da peça, mas mais particularmente para o pedreiro, a religião é uma última esperança. Ele aproxima-se da Virgem de mãos vazias; os apelos que lhe dirige são os apelos de um homem que nada tem a oferecer senão o seu trabalho. Mas o seu trabalho já não é necessário no Mundo exterior à Igreja. De alguma forma, posto que ele já não é útil à sociedade em que vive, tornou-se numa não-pessoa; tornou-se invisível. É a uma força invisível que ele recorre e crê que o seu direito ao apelo advém do facto de ter criado uma imagem desta força; ele esculpiu uma estátua da Virgem: através do seu esforço, fez com que ela se manifestasse. Num sentido muito concreto, o seu pedido de ajuda é dirigido ao próprio acto criativo. Fazer algo é dar vida a algo que anteriormente não existia, acrescentar algo ao Mundo, tomar parte num infinito processo de criação. Esta é a religião do pedreiro: fazer, animar, executar o manifesto invisível por meio do trabalho físico. Para o pedreiro, estes actos são actos de amor. É ao amor, em última instância, que ele recorre; o amor da sua mulher e da sua filha é tudo o que ele tem que possa mantê-lo. O que o angustia é o facto de ter perdido a força que lhe permite voltar a esse amor tão plenamente quanto deseja e manifestar o que reside na sua alma. Neste sentido, a crise que ele enfrenta é de natureza religiosa. Contudo, a sua religião tem uma congregação de apenas um elemento; ele é, simultaneamente, o pecador e aquele que perdoa o pecador; é no contexto deste paradoxo que ele sofre.